

## **O MAL-ESTAR DOCENTE A PARTIR DA PERSPECTIVA DE PROFESSORAS DE ANOS INICIAIS DE ESCOLAS PRIVADAS DA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE**

Carla Andryelle Ribeiro Pires<sup>1</sup>  
Marília Costa Morosini<sup>2</sup>

### **Resumo:**

O objetivo principal dessa pesquisa, foi analisar o relato de professoras dos Anos Iniciais do ensino possível constatar que algumas professoras sentem-se satisfeitas com a escolha de sua profissão. Todavia, o mal-estar docente é uma constante dentro de seu ambiente de trabalho, interferindo em sua vida pessoal e em sua saúde física e mental. Através da análise das entrevistas, observou-se que os principais indicadores relatados pelas professoras foram sobrecarga de trabalho, exigências de gestores e familiares, desvalorização da profissão, baixa remuneração e falta de qualificação. Como consequência desses indicadores que levam ao mal-estar docente privado da região metropolitana de Porto Alegre-RS, a fim de identificar se havia o sentimento de mal-estar docente e caso houvesse, descobrir quais os principais indicadores que contribuem para esse problema. A pesquisa passa a ser de interesse pessoal pois, vivi o mal-estar docente durante três anos e procurei entender esse sentimento, que me fez diversas vezes pensar em desistir da profissão. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e o instrumento utilizado foi um questionário estruturado, enviado por e-mail às entrevistadas. A partir das respostas foi, destaca-se o desejo de uma professora em desistir da profissão. Observou-se assim, que as afirmações dos pesquisadores analisados ao longo do trabalho, confirmam as falas das entrevistadas que atuam no espaço escolar. Assim, faz-se necessário buscar alternativas de promover o bem-estar docente dentro dos ambientes escolares, a fim de melhorar a qualidade de vida e desempenho dos profissionais da educação, garantindo um ambiente saudável de trabalho e de aprendizagem.

### **Palavras-chave:**

Mal-estar. Docente. Burnout. Indicadores.

## **TEACHER BADNESS FROM THE PERSPECTIVE OF EARLY YEAR TEACHERS OF PRIVATE SCHOOLS IN PORTO ALEGRE METROPOLITAN REGION**

### **Resume:**

The main objective of this research was to analyze the report of teachers of the Early Years of the teaching possible to verify that some teachers are satisfied with the choice of their profession. However, teacher malaise is a constant within their work environment, interfering with their personal life and their physical and mental health. Through the analysis of the interviews, it was observed that the main indicators reported by the teachers were work overload, demands of managers and family members, devaluation of the profession, low pay and lack of qualification. As a consequence of these indicators that lead to private teacher malaise in the metropolitan region of Porto Alegre-RS, in order to identify if there was the feeling of teacher malaise and if any, find out which the main indicators contribute to this problem. The research becomes of personal interest because, I lived the teaching malaise for three years and tried to understand this feeling, which made me think many times of giving up

<sup>1</sup> Especialização em Gestão Educacional. Escola Caminho do Meio. E-mail: profcarla.edu@gmail.com

<sup>2</sup> Pós-Doutorado em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: marilia.morosini@puers.br

the profession. It is a qualitative, exploratory research and the instrument used was a structured questionnaire, sent by e-mail to the interviewees. From the answers was, stands out the desire of a teacher to give up the profession. Thus, it was observed that the statements of the researchers analyzed throughout the work confirm the statements of the interviewees who work in the school space. Thus, it is necessary to look for alternatives to promote teacher well-being within school environments in order to improve the quality of life and performance of education professionals, ensuring a healthy work and learning environment.

**KEYWORDS:**

Malaise. Teacher. Burnout. Indicators

**MALIDAD DEL PROFESOR DESDE LA PERSPECTIVA DE LOS MAESTROS  
MAESTROS DEL AÑO ANTERIOR EN LA REGIÓN METROPOLITANA DE  
PORTO ALEGRE**

**Resumen:**

El objetivo principal de esta investigación fue analizar el informe de los docentes de los primeros años de la enseñanza posible para verificar que algunos docentes estén satisfechos con la elección de su profesión. Sin embargo, el malestar de los docentes es una constante en su entorno laboral, lo que interfiere con su vida personal y su salud física y mental. A través del análisis de las entrevistas, se observó que los principales indicadores informados por los docentes fueron la sobrecarga de trabajo, las demandas de los gerentes y los miembros de la familia, la devaluación de la profesión, los bajos salarios y la falta de calificación. Como consecuencia de estos indicadores que conducen al malestar de los docentes privados en la región metropolitana de Porto Alegre-RS, para identificar si hubo un sentimiento de malestar de los docentes y, en caso afirmativo, descubrir cuáles son los principales indicadores que contribuyen a este problema. La investigación se vuelve de interés personal porque, viví el malestar de la enseñanza durante tres años y traté de comprender este sentimiento, lo que me hizo pensar muchas veces en abandonar la profesión. Se trata de una investigación exploratoria cualitativa y el instrumento utilizado fue un cuestionario estructurado, enviado por correo electrónico a los entrevistados. De las respuestas se destacó el deseo de un profesor de abandonar la profesión. Así, se observó que las declaraciones de los investigadores analizados a lo largo del trabajo confirman las declaraciones de los entrevistados que trabajan en el espacio escolar. Por lo tanto, es necesario buscar alternativas para promover el bienestar de los docentes dentro de los entornos escolares, a fin de mejorar la calidad de vida y el desempeño de los profesionales de la educación, asegurando un ambiente de trabajo y aprendizaje saludable.

**INTRODUÇÃO**

Historicamente podemos entender que a profissão docente vem passando por um processo de desvalorização. Codo (1999, p.70) destaca que “No passado dizer “eu sou professora ou professor” trazia à tona uma identidade de carreira e orgulho profissional. A profissão de educador tinha prestígio social”. O professor era considerado uma fonte de saber e sua profissão era vista como uma vocação, uma pessoa que tinha o dom de ensinar, de

transmitir toda sua sabedoria aos seus alunos. Ele seria a vertente do conhecimento e essa posição lhe atribuía um status de detentor do saber, uma autoridade.

No entanto, com a chegada da tecnologia e com as mudanças contemporâneas da sociedade, observou-se que o professor passou a não ser o único detentor do saber e que os alunos, assim como no ambiente escolar, poderiam ter acesso à informação, por meio das novas tecnologias. Com a inserção das mulheres no ambiente de trabalho, seus filhos passaram a ficar mais tempo dentro das instituições e para conseguir conciliar o horário comercial, com o horário de estudos, as escolas passaram a ofertar os períodos inversos aos estudantes.

Como essa carga horária dentro das escolas ficou maior para alguns alunos, passou-se a questionar qual o papel das escolas e qual o papel das famílias sobre a educação das crianças. Com isso as responsabilidades sobre os professores passaram a aumentar e, a família, que antes era uma ferramenta a mais para contribuir na aprendizagem dos alunos, passou a transferir suas incumbências aos professores.

No mais, a formação dos professores não acompanhou esse processo, o que provocou instabilidade sobre o saber e saber-fazer e ensinar dos educadores, como afirma Codo (1999), o professor passou a ficar sobrecarregado com tantas exigências. Como consequência surgiram sentimentos ligados ao desconforto e tensão da prática docente, os quais são provocados pela insegurança e como consequência surge o sentimento de mal-estar docente.

O professor de acordo com Reis e Seibert (2010, p.9) é “visto como alguém que se dedica integralmente ao que faz, utiliza todo seu tempo, apaixonadamente à educação, quase uma vocação, como se diz: “Não basta ser profissional”. A sociedade analisa a profissão docente como sendo aquela, que fará com que o futuro seja diferente do presente em que vivemos. Como apontam as autoras Reis e Seibert (2010, p.9) “As mudanças e exigências sociais, sobretudo, em função das tecnologias recaem sobre a escola e os professores, pois é na escola ou da escola que se espera a ação de transformação da sociedade através da formação de cidadãos críticos, autônomos e atuantes”.

Entretanto, a mesma sociedade que deposita esperança no trabalho dos professores, não os valoriza e essa falta de apoio, tanto em seus objetivos, como em compensações materiais e no status de prestígio da profissão, pode ser considerada um dos fatores contribuintes para o mal-estar docente. Sendo assim, ao mesmo tempo em que o professor é visto como uma ferramenta de alto potencial de transformação, ele não é valorizado como deveria pela própria sociedade.

Essa pesquisa tem como objetivo geral identificar se dentro de escolas particulares da região metropolitana de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, os professores dos anos iniciais apresentam insatisfação com a profissão e se o sentimento de mal-estar docente está presente em suas vidas profissionais. Levando em consideração esta pesquisa, investigaremos quais os principais indicadores que causam esse sentimento nos educadores e quais as consequências desse sentimento sobre a saúde docente.

A pesquisa se faz necessária para entender o que é o mal-estar docente, identificando também quais os principais indicadores que desmotivam os professores do Ensino Fundamental de escolas privadas, prejudicam sua saúde e que muitas vezes acabam influenciando em afastamentos.

Percebe-se a dificuldade dos professores em atingir os objetivos das instituições de ensino privadas. Grande parte dos docentes sente-se sobrecarregados e desmotivados por diversos fatores, como por exemplo, a questão salarial que não é atrativa, a metodologia adotada pela escola, que exige que o professor siga as regras e esse principalmente quando é recém-formado na pedagogia, precisa se submeter pois precisa de experiência, nem que seja somente para avaliar e perceber quais atitudes não deve tomar.

Muitas vezes a sobrecarga de atividades que sobressaem do ambiente de trabalho e acabam invadindo a vida pessoal do professor, acontecem, pois, as instituições não disponibilizam aos professores tempo para planejamento dentro das escolas.

Essa pesquisa também se faz necessária para que eu pudesse compreender situações pessoais que aconteceram ao longo da minha vida acadêmica. Vivi o mal-estar docente trabalhando em uma instituição privada, sem entender esse sentimento e os fatores que o provocavam, pensei diversas vezes em desistir da profissão. Minha motivação principal para essa pesquisa, se originou desse sentimento que vive durante três anos sem entender as causas que me levavam a chegar ao extremo do sentimento profissional, passando perto da despersonalização, por esse motivo essa pesquisa se tornou tão importante para a minha formação acadêmica.

Nesse sentido, são diversos os fatores que influenciam no estresse e acarretando aos professores o afastamento de suas funções, os quais veremos nos capítulos seguintes.

## O SENTIMENTO DOS PROFESSORES SOBRE SUA PROFISSÃO

A partir da análise das respostas sobre o questionamento “Descreva como você se sente na sua profissão docente”<sup>3</sup>, podemos notar que, embora a profissão docente venha passando por um processo de desvalorização, quatro das cinco entrevistadas relataram serem felizes com a profissão que escolheram.

Todavia, sentem-se desvalorizadas e desamparadas pela equipe diretiva da escola, referem-se à falta de reconhecimento dos pais e dos alunos e também sobre a sobrecarga das atividades, como transcrito a seguir:

“Me sinto realizada profissionalmente, uma vez que adoro lecionar, mas em alguns momentos me sinto sobrecarregada com as demandas que essa profissão nos traz. (PROFESSORA 1)”

“Me sinto bem em relação a profissão na qual escolhi, porém muitas vezes parece que as famílias transferem o seu papel para a escola, passando então para as professoras muitas responsabilidades nas quais são incumbência dos pais. (PROFESSORA 3).

Observa-se que o mal-estar docente está presente na fala das professoras, pois mesmo gostando da profissão elas sentem um desconforto provocado por inúmeros fatores, os quais resultam no descontentamento com a profissão. Esses fatores são os causadores do mal-estar docente, os quais, se acumulados por muito tempo, poderão levar os profissionais ao adoecimento.

As professoras relatam que sentem-se satisfeitas com suas profissões, entretanto lamentam o fato da família transferir suas responsabilidades à escola.

Mosquera et al. (2007, p. 9) afirmam:

Ninguém pode negar que os agentes tradicionais, entre eles a própria família, praticamente têm abandonado as suas funções socializadoras iniciais, sobrecarregando as instituições escolares com mais encargos que os de antigamente, o que torna mais complicada a já difícil tarefa de realmente tentar educar um aluno, um futuro cidadão.

A escola hoje desempenha diversos papéis sociais, tendo em vista que muitas instituições particulares estão abertas em período integral aos alunos, dispendo de turnos inversos. Conseqüentemente as crianças passam mais tempo dentro das escolas e a incumbência de educar e ensinar os alunos recai sobre os professores.

---

<sup>3</sup> Questionário enviado por e-mail, para professoras da rede privada de ensino de forma aleatória.

Como relata a Professora 4:

“Recebemos crianças que ficam 12h dentro da escola, portanto, nossa tarefa não limita-se a ensinar e educar, mas precisamos dar conta de responsabilidades que seriam da família, porém, são delegadas a nós. Visto que a escola funciona como uma empresa, essas exigências são abraçadas e a nossa carga cresce a cada dia”.

Sendo assim, o professor além de desempenhar suas atribuições docentes, que não são poucas, precisam atender outras demandas e exercer papéis como: agente público, psicólogo, assistente social e enfermeiro, funções essas que ultrapassam sua formação. (OLIVEIRA, 2004).

Dessa forma, Codo (1999) aponta que existe uma crise entre os educadores, sobre o saber e o saber-fazer. Onde questiona-se a sua competência para lidar com as novas exigências do mundo atual, onde encontramos uma realidade deteriorada que impõe constantemente impasses sobre a vida dos professores.

O docente que antes precisava preocupar-se, primordialmente com o processo de ensino e aprendizagem, hoje precisa, além disso, desempenhar outras atribuições, sem permitir que isso interfira em sua prática docente. Talvez o grande desafio atual da educação seja saber trabalhar com a pluralidade e a diversidade que em nome da modernidade acaba sendo esquecida. Nesse momento podemos pensar sobre a formação dos professores, pois atualmente já não se sabe qual de fato é o papel da escola e do professor em relação aos alunos. O papel social da educação passou a ser questionado, tendo em vista a metamorfose da sociedade, as certezas tradicionais passam a se desmanchar. (CODO, 1999).

Em contraponto das professoras entrevistadas, que embora sintam-se descontentes com alguns fatores, conseguem sentir-se felizes com a escolha de sua profissão, com o relato da professora número 2, foi possível identificar, que a mesma se sente esgotada com a profissão.

“Sinto-me em muitos momentos desvalorizada, pois trabalho como regente de turma e a minha carteira é assinada como auxiliar do desenvolvimento infantil. Sem nenhuma esperança de crescimento, fora as situações que nos deparamos diariamente [...]Essas situações provocam desconforto e desestímulo de continuar na profissão, por esse motivo troquei de curso”.

(PROFESSORA 2)

A professora não consegue mais, sentir-se realizada dentro de sala de aula. Chegando ao ponto de trocar de curso. Anteriormente cursava Pedagogia e hoje, apesar de ser formada em magistério, optou em ingressar no curso de Serviço Social.

É importante destacar na fala da professora, que ela trabalha em uma instituição como docente, porém em sua carteira de trabalho, consta como se ela fosse auxiliar de turma. Dessa forma, passa a ser remunerada como o cargo registrado na carteira. Essa situação agrava o caso de mal-estar docente, pois a partir do momento em que a professora, não é reconhecida e valorizada pela escola, ela passa a sentir-se menos importante.

Como consequência a educadora, reagiu procurando alternativas como *“Cheguei ao ponto de trocar de curso na faculdade, antes eu cursava pedagogia e hoje curso Serviço Social”*. (PROFESSORA 2). Autores como (CAROLOTTO, 2010; ESTEVE, 1999; MARCHESI, 2008), defendem a ideia de que o desestímulo, as tensões e o desânimo passam a ter um impacto notável no equilíbrio emocional dos professores e como consequência desse estresse e o acúmulo de sobrecarga, os professores podem desenvolver doenças como a Síndrome de Burnout.

Silva (2011 p. 2) também afirma as consequências desse sentimento *“Este mal-estar leva ao estresse e ao esgotamento que somados à acumulação de exigências sobre o professor devido às transformações do seu trabalho profissional, desencadeiam o que se denominou de Burnout”*.

A professora 5 também se mostra esperançosa e ressalta que a educação passa por um período complicado, mas que acima dessa situação é válido lembrarmos sobre o juramento que foi feito no momento da graduação e alerta sobre a importância de não desistir de lutar por uma educação mais significativa a todos.

*“Nossa situação de calamidade na área da Educação é assustadora, mas enquanto profissionais precisamos nos manter com ESPERANÇA e PERSEVERANTES. Cientes das necessidades básicas, precisamos continuar lutando e buscando recursos para suprir estes déficits, afinal fizemos um juramento e, nosso dever é mantê-lo coeso”*. (PROFESSORA 5)  
*“[...] o mais importante para que o professor se sinta motivado é o bom relacionamento com os alunos, é o que me faz querer ir trabalhar todos os dias, pois tem muitos sorrisos esperando que eu faça diferença em suas vidas”*. (PROFESSORA 3)

No caso dos docentes a atividade de ensinar necessita do estabelecimento de vínculos com os alunos para que ocorra a aprendizagem (CODO, 1999). A afetividade é um ponto crucial dentro do processo de ensino e aprendizagem. Ao estabelecer vínculos com os alunos

o professor passa a estabelecer ligações fortes e aproximar as aprendizagens do meio em que vive o aluno.

Silva (2011) confirma que a profissão docente, se destaca por ser baseada no aspecto relacional e de sedução do professor com os conteúdos, com o objetivo de fazer o aluno aprender. Dessa forma a afetividade passa a ser um fator indispensável de contribuição para aprendizagem e a relação humana entre professor e aluno.

Com esses relatos é possível notar o sentimento de insatisfação presente nas falas das professoras, tendo em vista que gostam da profissão, mas sentem que as exigências são grandes, suas qualificações nem sempre atendem as necessidades dos alunos e a desvalorização é um fator extremamente relevante e contribui para o sentimento de mal-estar docente.

O professor passa a questionar-se sobre sua competência tendo em vista que a desvalorização de seu trabalho persiste e todo seu esforço não é reconhecido pela sociedade, mas principalmente pela própria escola, pelos alunos e pelos pais de seus alunos. A situação o atinge diretamente, pois o professor investiu fortemente para estabelecer vínculos com os alunos, abdicou de seu tempo de lazer com sua família, fez investimentos de seu próprio bolso, que repercutiram em muitas brigas domésticas, passou horas planejando e pensando em estratégias de ensino. Além de todo seu esforço para atender cada aluno dentro de sua singularidade. Havia esperança, porém o que lhe foi devolvido foi sua desvalorização, resultados negativos ou muito inferiores ao investimento feito. (CODO, 1999).

Embora possamos perceber que diversos são os fatores que influenciam no sentimento de desvalorização da profissão, existe um sentimento de amor e de esperança pela docência no relato das entrevistadas e a profissão passa a ser exercida com amor, dedicação e crença em um futuro melhor.

## **FATORES CAUSADORES DO MAL-ESTAR DOCENTE EM ESCOLAS PRIVADAS DA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE.**

No quadro 1, as professoras entrevistadas citaram os fatores que mais causam mal-estar docente dentro de seu ambiente de trabalho.

QUADRO 1 – Principais fatores causadores destacados pelas entrevistadas pelo Mal Estar Docente

|    |  |
|----|--|
| 1  | A sobrecarga com trabalhos burocráticos inerentes a profissão;   |
| 2  | exigências da equipe diretiva;   |
| 3  | O retrabalho de atividades;  |
| 4  | A terceirização e o desinteresse dos pais pela educação de seus filhos   |
| 5  | A falta de recursos dentro das escolas,  |
| 6  | O desamparo da equipe diretiva,  |
| 7  | Má remuneração salarial  |
| 8  | Carga horária e as atividades extracurriculares que precisam ser realizadas fora do horário de trabalho e sem remuneração; |
| 9  | Pouca autonomia,   |
| 10 | O ambiente pesado de concorrência entre o corpo docente,   |
| 11 | A desvalorização da profissão  |
| 12 | Falta de reforma política no Currículo Nacional.   |

Fonte: A autora (2018).

A sobrecarga na profissão docente é bem acentuada, tendo em vista que a sala de aula é um ambiente plural e de diversas singularidades. Ainda assim, é preciso manter o equilíbrio entre ser autoridade e ser afetuoso, atender também as questões burocráticas exigidas pelas escolas como elaboração de avaliações, correções, planejamentos, conteúdos, reuniões com pais e com a equipe diretiva e cabe ao professor atender toda essa demanda (ESTEVE,1999).

Conforme podemos observar no relato da Professora 4:

“Atualmente, lecionando em uma escola, me sinto sobrecarregada com a quantidade de tarefas burocráticas que fazem parte das tarefas dos professores, pois estando 8h por dia em sala de aula, tarefas burocráticas acabam por serem realizadas fora do horário de trabalho, sem remuneração”.

Nem sempre as escolas dispõem de tempo para que os professores planejem suas atividades em períodos livres dentro do ambiente escolar, o que muitas vezes resulta, no professor precisar levar tarefas para serem realizadas em seus momentos de descanso em casa, essa situação acaba gerando a sobrecarga da função docente.

Mosquera (1978, p. 94) confirma essa situação:

Grande número de tarefas fora da sala de aula. Provavelmente o profissional em educação acumula-se de tarefas que são intermináveis e aborrecidas. O professor tem sempre coisas para fazer na sua casa e é comum encontrá-lo corrigindo trabalhos, verificações ou preparando aula. Por isto podemos ver que as horas de trabalho do professor são muitas mais do que aquelas que passa no recinto da escola.

O trabalho docente trata-se então, de ser muito além da sala de aula ou de quando soa o sinal da escola. Por trás das quatro horas aulas, existe um serviço complexo extraclasse que ultrapassa a carga horária escolar remunerada.

Além da sala de aula, é preciso que o professor, faça planejamentos, avaliações e correções, realizando também estudos que embasem aulas, para atender os alunos com qualidade e comprometimento.

A Professora 4 ainda destaca que:

“Penso que a jornada de trabalho dos professores é totalmente mal distribuída, precisamos fazer projetos, planejamentos, avaliações... porém, somos remunerados apenas pelas 8h em que estamos em sala de aula, assim, outras atividades são realizadas fora do horário sem nenhuma remuneração. Além disso, precisamos constantemente de formações e atualizações, o que reduz cada vez mais nosso tempo de lazer, nosso tempo com nossa família, o que causa um estresse muito grande”.

Carlotto e Palazzo(2006) afirmam que o modelo de educação atual, impõe sobre o professor muitas atribuições aparte de seu interesse e de sua carga horária. Além da demanda da sala de aula, é preciso realizar trabalhos administrativos, participar de reuniões com a equipe diretiva, corpo docente e família, orientar e atender os alunos. Devendo também organizar atividades extraclasse, participar de seminários e preencher relatórios.

Entretanto, é excluído de decisões institucionais, reestruturações curriculares, repensar propostas da escola. Cabe a ele apenas o papel de executar as ordens e conceber as ideias elaboradas por outras pessoas, não permitindo ao professor, contestar ou confrontar aspectos estruturais de seu trabalho. Essa demanda provoca a sobrecarga, reduz seu tempo de descanso, lazer e até mesmo de aperfeiçoamento de sua qualificação.

Conforme Codo (1999, p.98):

O trabalho do professor continua além da sala de aula. Provas devem ser corrigidas, figuras devem ser recortadas para ilustrar os novos conteúdos, exercícios de fixação dever ser “inventados”. Enfim, as tarefas continuam e nem por isso há uma compensação financeira ou mesmo o reconhecimento social merecido. Se faz bem feito, nada mais que a obrigação cumprida; se não, recebe críticas de todos os lados.

Sendo assim, a sobrecarga influencia diretamente sobre a vida dos professores, pois além da escola, seu serviço passa a ser estendido em sua casa. O trabalho docente, muitas vezes contribui para conflitos familiares, pois o professor se ausenta de seus momentos de lazer em prol da sua dedicação aos planejamentos e afins, lembrando que muitas vezes precisa

retirar de seu próprio bolso recursos para diversificar suas aulas. A falta de reconhecimento terá implicações diretas sobre seu estado emocional e terá consequência em sua saúde.

Além da sobrecarga, outro fator causador do descontentamento com a profissão, citado pelas professoras 2 e 3 foi a falta de preparo e apoio pedagógico para atender os alunos com necessidades especiais. Conforme relatado a seguir: “[...]nos deparamos diariamente com as “inclusões” e sem nenhum auxílio ou recurso, sozinha em uma sala com 14 criança e mais um autista. O trabalho não é nada fácil”. (PROFESSORA 2)

“ [...]Sinto muita falta de um pedagogo para educação especial e sala de recursos, pois tenho um aluno especial e seria muito melhor para o desenvolvimento dele se tivesse um mediador para melhor auxiliá-lo. (PROFESSORA 3).

Tendo em vista, que os alunos com necessidades especiais eram visto como diferentes e atendido separadamente dos demais estudantes, entendia-se que esse aluno era excluído do processo educativo. Para romper com o paradigma, de que o aluno com necessidades especiais fosse o causador de um problema, passou-se a acreditar que este precisaria se enquadrar nos padrões exigidos pela sociedade, pensou-se na universalização do ensino e como dever as escolas deveriam promover condições para atender as necessidades desses alunos.

A inclusão de crianças com necessidades especiais passou a ser obrigatória nas escolas brasileiras desde a Resolução 02/2001. De acordo com as Diretrizes Nacionais para a educação especial, a ideia do atendimento das classes especiais separadamente dos demais alunos em sala de aula, reforçava o preconceito entre os indivíduos, o que acarretava na exclusão social dos sujeitos com necessidades especiais (BRASIL- MEC/SEESP, 2001.)

Porém, esse processo de universalização do ensino atendendo todos os alunos dentro de uma mesma sala de aula, gerou uma instabilidade entre os professores. Como apontam as entrevistadas que ressaltam a quantidade de alunos dentro das salas de aulas e a falta de apoio pedagógico para a realização do trabalho.

A falta de qualificação e incentivo para atender a essa demanda educacional gera preocupação conforme Kuzuyabu (2016) “Muitos professores de AEE reconheceram o despreparo para atender todas as deficiências e uma das prováveis razões disso é o fato de a maioria ser graduada em pedagogia ou psicopedagogia, e não em educação especial”.

Sendo assim, nota-se que a inclusão dos alunos especiais passa por uma crise dentro de sala de aula, pois os professores do ensino fundamental, normalmente não tem formação compatível com a as necessidades de seus alunos. E como relatado pelas entrevistadas essa

situação provoca um desconforto, pois os docentes acabam sentindo-se incapaz de atender toda a demanda exigida pela sala de aula.

Nesse momento, se faz necessária a presença do apoio pedagógico da escola, que poderá contribuir com a promoção à qualificação dos docentes, podendo ofertar cursos dentro das instituições ou fora das mesmas, tendo como objetivo a formação dos docentes para saberem administrar melhor a diversidade de dentro de sala de aula.

Hoje vivemos em uma sociedade completamente diferente da década passada. O professor passou a dividir seu lugar com os meios tecnológicos, onde ele não é o “detentor” do conhecimento, pois a tecnologia nos facilita a informação em qualquer momento. Dessa forma, o aluno passou a ter autonomia em suas pesquisas, esclarecendo suas dúvidas nos meios digitais.

Como afirmam Mosquera et al.(2007, p.4):

De único detentor do saber, considerado uma das fontes de saber mais respeitado, às vezes o único e unipotente detentor do saber, o docente está sendo ameaçado em sua posição, em seu status, pela **democratização** do saber, em especial através da Informática e meios tecnológicos cada vez mais acessíveis, de seu (pseudo) poder que (e com o qual) detinha, o que pode ser mais um fator promotor do mal-estar docente.

Contudo o currículo não acompanha essas necessidades e as transformações da sociedade. A demanda de conteúdos dentro dos currículos é enorme, muitas vezes pouco significativos, contemplando assuntos que não são coerentes à realidade dos alunos e deixando de fora conteúdos relativamente importantes, que acabam sendo trabalhados no currículo oculto da sala de aula e por não estarem presentes dentro do currículo formal, passam a não serem explorados como deveriam.

Nota-se uma grande quantidade de escolas privadas, que visam atender o público da “nova classe média baixa” como se referem as autoras Iório e Lelis (2015). Essas escolas são constituídas por proprietários “físicos” e não mantidas por organizações religiosas. As mensalidades são de valores baixos e acessíveis para a população, que se adapta de acordo com suas necessidades, com o objetivo de melhoria da oferta de estudo, quando comparada as escolas públicas. Essas escolas visam aprovação dos sujeitos em vestibulares e no ENEM

O problema muitas vezes é que os professores, não dispõem de tempo suficiente para explorar melhor esses conteúdos. De acordo com a Professora 1 “às tarefas burocráticas e exigências vindas da equipe diretiva e o retrabalho é atualmente o que mais me provoca mal-

estar”. Dessa forma, precisam dar conta de atividades burocráticas e as exigências feitas pelas instituições que muitas vezes não são claras e em algumas ocasiões precisam ser refeitas.

A questão do currículo também interfere de forma profunda na educação como relata a Professora 5:

“Acredito que de um âmbito geral, a desvalorização e a falta de reforma política no Currículo Nacional são os principais fatores, não só no meu caso de mal-estar docente, mas para todos os colegas atuantes, nossos recursos estão precários, nosso Currículo ultrapassado.”

Percebe-se a importância da significação de conteúdos para que os alunos sintam-se interessados em estudar os assuntos. Stobaus e Mosquera (2007) nos remetem justamente a ideia de que a falta de um plano de Governo, que pense em uma educação que aborde conteúdos significativos aos alunos e de uma filosofia de educação criada em conjunto e seguida por todos, interfere de fato na relação dos docentes com o ambiente escolar e contribui para o sentimento de mal-estar docente.

De acordo com Stobaus e Mosquera (2007, p. 264):

[...] cremos que um dos grandes caos da Educação é o desconhecimento de princípios filosóficos sólidos, que se expressam em uma imagem de ser humano e, principalmente, em fins educacionais abertos, coerentes e, principalmente, democráticos; – necessidade de uma educação para a cidadania, na qual direitos humanos e atitudes de tolerância possam ser intercambiadas; [...] deficiência em considerar o conhecimento como um real valor que dá elementos para modificações em um mundo cheio de pobreza, ignorância e desconhecimento.

Portanto, o currículo escolar precisaria ser repensado de acordo com as necessidades da sociedade e contemplando conteúdos significativos para cada geração de alunos.

Iório e Lelis (2015) realizaram uma pesquisa em uma escola da rede privada de ensino no subúrbio carioca que procurou investigar as condições de trabalho dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental. As pesquisadoras puderam constatar os seguintes problemas:

Evidenciou-se a precarização do trabalho docente em função dos baixos salários, da intensificação das tarefas, da ausência de uma política de formação e de uma lógica organizacional que não favorece o partilhar dos saberes entre os professores. Além disso, essa lógica organizacional, fundada em dispositivos de regulação no cumprimento de prazos, de controle da prática docente e orientada por manuais pedagógicos e softwares educativos, compromete a autonomia das professoras e o desenvolvimento de um clima colaborativo.

A exploração de conteúdos, torna-se cada vez mais escassa dentro das salas de aula privadas. Muitas escolas, usam materiais didáticos, que se remetem aos tempos das cartilhas. O ensino passa a ser técnico e reprodutivo, pois a visão principal é a avaliação quantitativa no final dos bimestres.

Os conteúdos passam a serem mal explorados e “despejados” sobre os alunos, baseando-se em quantidades de conteúdos e resultados satisfatórios nas avaliações escolares, mesmo que esses resultados não sejam de fato “merecidos”, sejam apenas resultados de reproduções de questionários decorados.

Os pais querem resultados e a escola cobra dos professores que produzam e deem conta dos conteúdos dos livros didáticos. Como relata a Professora 5:

“Cientes de que nossa atuação em Redes Privadas são diretamente avaliadas pelo público, não obtivemos muito espaço para realizar com autonomia nosso trabalho, temos que atuar de acordo com a demanda exigida das famílias, este processo interfere diretamente no desenvolvimento profissional”

Tendo em vista, que ocorre uma enorme cobrança por parte das famílias e das instituições sobre o professor, para que os livros didáticos estejam sempre completos e corrigidos. Para algumas famílias, esse é o ensino ideal, pois acreditam que quanto mais conteúdos e cadernos cheios a escola propor, mais os filhos estarão aprendendo e garantindo sua aprovação nos futuros vestibulares.

Conforme Iório e Lelis (2015, p.4) descrevem sobre as escolas privadas que seguem esse padrão de ensino tradicional e técnico, com pouca autonomia do professor em sala de aula:

[...] utiliza sistema apostilado de ensino, que inclui cadernos pedagógicos para professores e alunos, próprios para cada série dos segmentos dos ensinos fundamental e médio. Os gestores justificam a escolha pela necessidade de unificar o trabalho da rede e manter a escola no topo das avaliações externas, preservando, dessa forma, a qualidade do ensino. Entretanto, a adesão a esse sistema traz sérios impactos sobre a autonomia do trabalho docente.

Essa massificação do ensino tem como objetivo homogeneizar a educação, desconsiderando as peculiaridades de cada indivíduo e de cada região do Brasil, tornando a educação sem significação e cada vez mais desinteressante.

Os modelos pedagógicos tecnicistas entram nas salas de aula, revestidos de apostilas. Esses materiais tendem a engessar os professores e tornar a educação reprodutora, visando

apenas aprovações e quantidades de conteúdos sem qualidade. Torna-se uma forma de mercantilização do ensino, pois as redes privadas de ensino passam a ter em sua estrutura dispositivos de controle e regulação, que avaliam constantemente os professores e alunos, utilizando instrumentos de avaliação como provas e sites educacionais Iório e Lelis (2015).

## A INFLUÊNCIA DA EQUIPE DIRETIVA NO MAL-ESTAR DOCENTE

A insatisfação com a gestão escolar foi apontada por três das entrevistadas como um dos causadores do mal-estar docente dentro das escolas. Sabemos que dentro das escolas particulares, a gestão é mais presente no controle do trabalho docente. A insatisfação com o trabalho é uma das principais causas de estresse, desmotivação e tensões e a profissão docente segundo pesquisas, é apontada como vulnerável a prevalência desses males, conforme afirma Esteve (1999).

Quando a gestão escolar não respeita seus professores, desconsidera a participação do corpo docente da escola na construção das propostas didáticas e atua mais cobrando dos professores do que os incentivando, esse quadro se reverte em uma situação de desajustamento e tensão no ambiente de trabalho e pode causar de acordo com Santos (2012, p. 52):

Professores insatisfeitos com seu trabalho tendem a sofrer e adoecer, ao mesmo tempo em que podem também influenciar negativamente seus próprios alunos. O impacto negativo deste círculo vicioso pode se estender bastante chegando a níveis elevados de estresse, doenças psíquicas e afastamento do trabalho.

De acordo com as professoras entrevistadas, foi possível identificar que as docentes sentem falta do amparo da equipe diretiva da escola, as professoras veem a direção como uma ferramenta de solução de conflitos. Conforme podemos observar nos seguintes relatos:

*“O não auxílio "socorro" da equipe diretiva, quando algum pai vem discutir algum assunto, referente a seu filho a direção nos deixa completamente sem amparo”.*

(PROFESSORA 2)

*“Me sinto solitária quando a situação não é resolvida ou tratada da forma adequada com a direção”.* (PROFESSORA 3)

*“Na maioria das vezes, solitária. Em poucas situações tenho o apoio da escola”.*  
(PROFESSORA 1)

*“Me sinto solitária dentro da escola, onde não tenho a quem recorrer ou quem me escute em momentos de aflição”*. (PROFESSORA 4).

Uma das professoras, aponta também que dentro das escolas particulares a situação se agrava, pois, a direção procura não se indispor com os pais. Observamos então a mercantilização da educação, onde os alunos são clientes e terão na maioria das vezes “razão”.

“Em qualquer situação ou profissão é indispensável que o sujeito prevaleça com ética, seja claro e verdadeiro sempre, para que tenha o respeito e valorização de sua Coordenação e Direção. Sabemos que em Escolas Privadas nem sempre o professor terá respaldo, porque dependendo do caso a Escola não arriscará perder seu cliente. Porém, se o sujeito tiver conquistado seu espaço e provado que é digno de confiança, poderá ter muitos critérios pesando a seu favor”.(PROFESSORA 5)

Dessa forma podemos observar que as entrevistas sentem os impactos da gestão escolar em seu sentimento de mal-estar docente, confirmando a hipótese de que a gestão escolar tem grande influência sobre o mal-estar docente dos professores.

Codo (1999) ainda aponta que os professores passam a ter que enfrentar situações variadas como as exigências burocráticas exageradas, o autoritarismo de diretores, a falta da sua participação nas decisões tomadas pela escola e a falta de afetividade dos colegas. Estudos apontam que as lideranças educacionais contribuem significativamente para a satisfação ou a insatisfação do corpo docente do ambiente escolar. (SANTOS, 2012)

A gestão precisa necessariamente amparar seus professores em situações conflituosas, os planejamento e projetos, precisam ser construídos em conjunto com o corpo docente da escola, levando em consideração seus anseios, angústias e as necessidades que os mesmos observam sobre seus alunos, pois como relatado a seguir pela Professora 3 *“[...]a direção está sendo mais atenciosa e conversando com as famílias sobre a importância da sua participação”*. nesse relato é possível notar a importância da gestão na resolução de conflitos, entre pais e professores.

Mosquera (1978, p.95) destaca que:

Direção insegura, ineficaz, rígida, constitui outro drama na vida do magistério. Detecta-se que nem sempre as pessoas mais adequadas são colocadas em cargos de chefia e que existe uma tendência de proteção a pessoas que são consideradas convenientes e que nem sempre estão preparadas de forma eficaz para a função de dirigir uma escola.

A direção passa constituir-se como alicerce para os professores e alunos, quando a direção não está sólida e convicta de seus projetos, acaba confundindo os docentes e promovendo conflitos entre os mesmos. Como já descrito pela Professora 1 que cita “às tarefas burocráticas e exigências vindas da equipe diretiva. O retrabalho é atualmente o que mais me provoca mal-estar”. A Professora 4, refere-se a má administração das tarefas a serem distribuídas às professoras, o que provoca desconforto entre o corpo docente “Ainda, as questões das tarefas mal distribuídas, dentro da própria escola, onde a função de cada um não é bem definida, causando sérios e cansativos transtornos ao longo do ano”.

Nesse sentido, Santos (2012) destaca a importância de a gestão ter uma boa comunicação com os docentes, que é uma das formas fundamentais do exercício da liderança, fazendo informativos consistentes aos professores, mostrando-lhes as Diretrizes a serem seguidas. Retomar questões com feedbacks, avaliando seu desempenho através de conversas, esclarecendo pontos positivos e incentivando sempre o aprimoramento de sua prática, para que se sintam motivados, ou mesmo para mediar conflitos de diferentes situações que possam vir a ocorrer.

Quando o docente sente que a liderança preocupasse com o seu bem-estar e com suas opiniões, o professor passa a sentir confiança em expor suas ideias e passa a relacionar-se melhor com os gestores, como podemos observar na fala da Professora 3 “tenho conversando bastante com a pedagoga da escola”, onde se refere a solução de conflitos. Entretanto, quando essa relação não está próxima, todos acabam sofrendo, pois os professores sentem-se desamparados e mais tensos, o que influencia em sua prática docente.

O professor passa a não se sentir seguro em conversar com a direção, sobre novas propostas ou até mesmo para compartilhar suas angústias de dentro de sala de aula, o que acarreta na sobrecarga da profissão, como podemos analisar na fala da Professora 4:

“Sinto que hoje, não temos espaço dentro da escola para falar sobre nossas dificuldades e limitações. Precisamos ser eficientes para atender a todas as demandas trazidas pelos alunos, pais e equipe diretiva. Não temos espaço para assumir e conversar sobre nossas aflições.”

A gestão precisa estar atenta as necessidades de seus professores, pois como afirma Santos (2012, p. 52):

A satisfação dos professores com o trabalho também pode estar correlacionada a comportamentos específicos dos líderes, como por exemplo, a consideração pelos liderados, expressa através da preocupação

que os líderes demonstram pelo bem estar dos membros do grupo, e também seus liderados.

Em busca do bem-estar docente sugere-se que os líderes reflitam, sobre o respeito e os impactos de suas dentro das escolas e na relação com o corpo docente. Verificando se o estresse inerente a liderança não está sendo transferido aos professores. Sugere-se que sejam feitos questionários para avaliar suas atuações. (SANTOS, 2012). Dessa forma a gestão passará a ganhar a confiança do corpo docente estes passarão a compartilhar suas angústias se sentirem-se acolhidos, como menciona a professora 5 sobre a sua recorrência à equipe gestora da escola em que trabalha “*Sempre que necessário procuro minha Coordenação e equipe de Psicólogos da Escola para conversar e sanar dúvidas.*”, percebe-se então que a gestão tem o poder de provocar ao professor um sentimento de confiança em si mesmo e no seu trabalho.

## **RELAÇÃO ENTRE PAIS E OS DOCENTES**

As entrevistadas relataram suas angústias quanto à relação dos pais com seus filhos e com a continuidade dos conteúdos ensinados nas escolas. As professoras, relatam que se sentem desvalorizadas pelas famílias e percebem que os pais não dão seguimento ao que é trabalhado na escola. Enfatizam também a transferência das responsabilidades da família, para os professores e o desinteresse dos pais pelas aprendizagens de seus filhos.

Conforme afirma Codo (1999) Os professores passam a ter que lidar com inúmeras situações conflituosas, entre elas, a ansiedade e preocupação dos pais de seus alunos e até mesmo com a falta de comprometimento dos mesmos, com as aprendizagens de seus filhos. A última questão é uma das que mais foram observadas nos relatos das professoras entrevistadas.

*“Os pais que terceirizam a educação dos seus filhos e cobram demais da escola também faz com que eu me sinta mal na minha profissão”. (PROFESSORA 1)*

*“O completo desinteresse dos pais no crescimento e desenvolvimento de seus filhos”.(PROFESSORA 2)*

As famílias acreditam que a educação de seus filhos dever ser de qualidade e que essa será de fato uma das maiores conquistas que poderão ter, porém delegam a concretização de suas expectativas aos professores, conforme afirma (MACHESI, 2008).

A Professora 3, ainda ressalta a desvalorização e a descontinuidade do trabalho pedagógico.

“Vivencio muito a desvalorização do trabalho do professor, nos dedicamos com as crianças e muitas vezes os pais não reconhecem o nosso esforço ou simplesmente não dão continuidade com o que fazemos na escola, é muito importante o auxílio dos pais para as crianças”.

O trabalho pedagógico passa a ser visto como sendo apenas de competência da escola, dessa forma não precisa ter continuidade fora da mesma. Conforme Amiel et al. (1970, citado por ESTEVE 1999) os pais delegam aos professores a responsabilidade de infundir valores mínimos aos alunos e despreocupam-se em contribuir para essa educação, colocando a obrigação sobre os professores. Mas, esses também estão dispostos a criticar o trabalho docente, sempre que for necessário, usando as crianças como álibis, tendo em vista que se as crianças são mal-educadas a culpa recai sobre os professores.

Já, MARCHESI (2008, p.18) aponta que essa ausência dos pais na educação de seus filhos se dá em função de “[...] grande parte das famílias vive em uma situação complicada: o trabalho dos dois membros do casal, a presença laboral e a rigidez nos horários reduzem as possibilidades de dar maior dedicação aos filhos e de participar nas atividades escolares”.

A escassez de tempo dos pais com os filhos, tornou as escolas o refúgio das famílias, porém sobrecarregou os professores de responsabilidades e suas formações não acompanharam esse processo.

Conforme afirmam Globe e Porter (1980, citados por ESTEVE, 1999,):

Assinalam o aparecimento de dificuldades evidentes devidas à transferência, por parte da comunidade social e da família, de algumas de suas atividades sociais e protetoras anteriores à escola, sem que essa transferência tenha sido acompanhada das necessárias mudanças na formação profissional dos educadores, preparando-os para responder as novas exigências.

Contudo, os professores alertam a importância do acompanhamento dos pais sobre as aprendizagens de seus filhos dentro e fora da escola, como aponta Marchesi (2008, p.18) “os professores consideram que um maior envolvimento das famílias na educação de seus filhos é uma das principais condições para melhorar a qualidade do ensino”.

Sem dúvidas a importância da família no acompanhamento do desenvolvimento dos seus filhos é inquestionável e os reflexos são percebidos dentro de sala de aula. Entretanto, há algum tempo vem se discutindo qual é de fato a função das famílias e dos professores. A

escola é um espaço fora do meio familiar, nela o aluno passa a ter diferentes relações, como com os colegas e o professor.

A escola passa a ser a primeira instituição que temos contato além do familiar, nosso primeiro contato com o mundo, o qual será longe dos pais. Nela precisamos conviver em harmonia com as outras pessoas que dela também fazem parte e que tem origens e culturas diferentes do nosso meio familiar. Para alguns será na escola que assumirão suas primeiras responsabilidades e surgirão os primeiros compromissos.

Sabemos que a escola passa ser o primeiro ambiente fora do meio familiar que a criança passa a ter convívio. A escola abrirá as portas para um ambiente completamente desconhecido pela criança anteriormente. Ambiente esse onde ela criará relações, não será mais o centro das atenções e passará a perceber que assim como ela terão outras pessoas e outras crianças com culturas, crenças e hábitos diferentes dos seus. O papel dos pais é fundamental para esse processo de conceber o novo mundo. A escola possibilitará a criança que se desenvolva e construa sua autonomia.

Pais e professoras vivem em conflito sobre as atribuições de cada um e a criança passa a ficar sobre o meio conflituoso. É importante lembrar, que a criança é um ser que precisa ser trabalhado em sua integridade, quando há falta de alguma habilidade é preciso que o professor tenha um olhar atento sobre ela, independente se essa habilidade compete a escola ou a família.

## **A DESVALORIZAÇÃO SALARIAL**

Historicamente a profissão docente vem passando pela desvalorização profissional, tanto em seu status como nas questões salariais. E os professores vêm mostrando cada vez mais suas insatisfações com suas remunerações, como destaca a professora 2 “O BAIXÍSSIMO salário mínimo, que acaba sendo 850 reais no final das contas.” (PROFESSORA 2)

As instituições particulares respeitam o piso salarial do magistério e em Porto Alegre, é possível notarmos conforme o Ranking salarial do Sinpro-RS, que existem escola que remuneram seus professores com valores bem acima do piso salarial. Porém, essas escolas são minorias tendo em vista a grande quantidade de instituições particulares na capital do Rio Grande do Sul. “[...] não consigo nem pagar o curso de licenciatura com o salário que

recebo e muito menos ter horas de lazer (PROFESSORA 2) percebe-se que a insatisfação das entrevistadas repercute também em sua formação quando relatam que seus salários são baixos as impedem até mesmo de buscar qualificações.

A questão salarial no Brasil sempre foi um fator de incomodo na profissão docente tendo em vista que os professores são remunerados mais dignamente em outros países. Podemos observar no relato a seguir que “salários baixos com uma extensa carga horária somada com uma infinidade de tarefas a serem desenvolvidas.” (PROFESSORA 4) a desvalorização da profissão ultrapassa a questão do status e atinge diretamente o corpo docente em sua situação econômica e esse é um fator que repercute no status negativo sobre a profissão quando os cidadãos resolvem cursar as licenciaturas, pois é rotulado como o profissional que será mal remunerado, podemos observar no relato a seguir

Mosquera (1978) define o professor como sendo um profissional que trabalha muito e recebe muito pouco pelo seu serviço, dessa forma vive com grande sentimento de frustração. O relacionamento com seus colegas passa ser conflituoso, pois alguns profissionais passam a ter a ambição de exercer cargos como o de orientador, diretor e supervisor, desencadeando assim uma luta entre os colegas pelo poder. A consequência dessa competição é um serviço individual e que conforme o autor não permite uma produtividade rentável.

Para reverter essa situação muitos professores passam a ter que fazer desdobramentos nas escolas, trabalhando mais de um turno, chegando muitas vezes a trabalhar três turnos, para que seu salário possa de fato ser satisfatório, como podemos identificar na fala da Professora 4 “reduz cada vez mais nosso tempo de lazer, nosso tempo com nossa família, o que causa um estresse muito grande”. O problema é que para isso o professor passa a esquecer de suas horas de lazer e convívio familiar, provocando assim, sentimentos de desmotivação e insatisfação com a profissão,

Dessa forma Codo (1999,p.81) afirma:

Terão que conviver com uma remuneração claramente insuficiente, trabalhando em várias escolas ou realizar outras atividades como “bicos” para complementar a renda familiar, experimentando a extensão da jornada de trabalho.

O professor então passa a procurar escolas que lhe remunerem melhor, embora essas nem sempre estejam de acordo com seus ideais e crenças, contudo “precisamos do trabalho então nos submetemos a tais situações” (PROFESSORA 2), ou seja, mesmo que ele não concorde com as propostas da escola acaba se submetendo pois necessita do salário.

Todavia o trabalhador passa a procurar instituições que lhe remunerem melhor, lhe ofereça boas condições de trabalho, segurança e possibilidades de crescimento profissional, que recompense seu esforço e reconheça socialmente seu trabalho (CODO, 1999).

Assim, podemos observar que apesar das professoras estarem felizes com as suas escolhas, nota-se que o mal estar docente está presente na fala das entrevistadas e que ele tem origens profundas e muito condizentes com todos os desafios enfrentados pelos professores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A profissão docente vem passando por um período turbulento há algumas décadas. Historicamente ser professor era visto como um orgulho, pois a profissão tinha prestígio e a sociedade valorizava seus ensinamentos.

Com a chegada da tecnologia e com as transformações das famílias e a inserção da mulher no mercado de trabalho, passou-se a verificar que as escolas assumiram o papel de educar os alunos, tendo em vista que as famílias passaram a transferir essas responsabilidades aos professores. Entretanto a profissão que antes era vista como de extrema importância, hoje passou a ser altamente contestada pela sociedade.

A formação dos professores e a constituição das escolas não evoluiu como afirma Codo (1999). As escolas ainda não sabem definir quais seus reais papéis, porém percebe-se que a demanda aumentou aos professores e os agentes tradicionais de educação se omitiram de seus reais papéis, transferindo suas responsabilidades aos professores.

Essa sobrecarga da função docente, os diversos papéis contraditórios os quais os professores estão submetidos, a desvalorização moral e salarial passou a configurar um quadro de mal-estar, entre os docentes.

Além disso, os professores passaram a sentir que essa situação quando acumulada passou a interferir diretamente em sua saúde, provocando o comprometimento da saúde física e mental. Dessa forma, passaram a surgir doenças as quais quando não tratadas, provocam os afastamentos dos profissionais das escolas.

Em relação aos objetivos da pesquisa, que procuraram investigar se o mal-estar docente estava presente nas escolas privadas da região metropolitana de Porto Alegre-RS, quais os principais indicadores que provocavam esse sentimento e como sentiam-se os professores em relação a escolha de sua profissão. Foi possível identificar claramente que as

professoras, sofrem do mal-estar docente em seus ambientes de trabalho, provocados por inúmeros fatores, como a sobrecarga da função docente, questões salariais, desvalorização dos pais, falta de apoio da equipe diretiva e também a falta de incentivo das escolas em busca de qualificar seus profissionais.

Ainda assim, foi possível perceber que mesmo com tantas dificuldades quatro das cinco professoras entrevistadas, sentem-se realizadas na profissão que escolheram e tem esperanças em um futuro melhor, onde sejam reconhecidas e devidamente valorizadas.

Meu objetivo pessoal com a pesquisa era encontrar professoras que passassem pelo mesmo sentimento que eu, que em certo momento, da minha vida passei. Quando decidi fazer a pesquisa sobre o tema, foi por objetivo pessoal, pois durante alguns anos vivi o mal-estar docente em uma instituição onde trabalhei.

Descobrir os fatores causadores que influenciam para que ocorra esse sentimento entre os docentes, me faz repensar a educação e a profissão. Tenho interesse em me especializar em gestão escolar e essa pesquisa me oportunizou enxergar um contexto bem mais amplo que a sala de aula e que contribui para o adoecimento dos professores. Futuramente, como gestora de uma instituição procurarei usar os conhecimentos construídos, em favor do bem-estar docente.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para a educação especial na educação básica**. Brasília: MEC, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>. Acesso em: 21 maio 2018.

CARLOTTO, Mary Sandra; PALAZZO, Lilian dos Santos. **Síndrome de Bournout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores**. Caderno de Saúde Pública, São Paulo, v.22, p.1017-1026,2006.

CARLOTTO, Mary Sandra. **Síndrome de burnout: o estresse ocupacional do professor**. Canoas: Ulbra, 2010.

CARVALHO, Márcio Henrique de. **O mal-estar na educação a natureza do trabalho docente entre o sofrimento e o ressentimento**. 2015. xi, 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação)— Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

CODO, Wanderley. **Educação: carinho e trabalho**. Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, 1999.

DE OLIVEIRA, Cristiano Lessa. **Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características**. Travessias, v. 2, n. 3, 2008.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores.** Tradução: Durley de Carvalho Cavicchia. Bauru: Edusc 1999.

IÓRIO, Angela Cristina Fortes; LÉLIS, Isabel. **Precarização do trabalho docente numa escola de rede privada do subúrbio carioca.** Cadernos de Pesquisa, v. 45, n. 155, p. 138–154, 2015.

KUZUYABU, Marina. **Dificuldade da inclusão divide professores e especialistas.** Educação, São Paulo, n. 228, 4 abr. 2016. Disponível em: <<http://www.revistaeducacao.com.br/inclusao-na-pratica/>>. Acesso em: 21 maio 2018.

MARCHESI, Álvaro. **O bem-estar dos professores.** Artmed Editora, 2008.

MOSQUERA, Juan José Mouriño. **O professor como pessoa.** Porto Alegre: Sulina, v. 2, 1978.

MOURIÑO MOSQUERA, Juan José; STOBÄUS, Claus; SANTOS, Bettina Steren dos. **Grupos de pesquisa mal-estar e bem-estar na docência.** Educação, Porto Alegre, v.30, n.62.1, p. 259-272, 2007

OLIVEIRA, Dalila A. **A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização.** Educação e Sociedade, Campinas, v.25, n.89, p.1127-1144, set/dez, 2004.

REIS, Marli; SEIBERT, Rosane. **Síndrome de *Burnout* no trabalho docente em escolas públicas.** Monografia (Especialização em Gestão de Pessoas), Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, 2010, Disponível em <http://www.fema.com.br/sitenovo/wp-content/uploads/2016/09/4-Sindrome-de-Burnout-no-Trabalho-Docente-em-Escolas-P%C3%BAblicas.pdf>, Acesso em 27/nov/2017.

SANTOS, Douglas L. **A influência da gestão escolar no bem estar docente: percepções de professores sobre líderes educacionais de uma escola particular de Porto Alegre.** p. 92, 2012. 93. fl. Dissertação (Mestrado)–Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2012.

SILVA, Maurina Passos Goulart Oliveira da. **A silenciosa doença do professor: burnout, ou o mal estar docente.** Pesquisa do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinariedade Universidade de Ribeirão Preto, p. 1–10, 2011.

STOBÄUS, Claus D.; MOSQUERA, Juan José M.; DOS SANTOS, Bettina Steren. **Grupo de Pesquisa mal-estar e bem-estar na docência.** Educação, v. 30, n. Especial, p. 259–272, 2007.